



O PAPEL DA AVALIAÇÃO DURANTE O PROCESSO DE ENSINO - APRENDIZAGEM, NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR DO ENSINO SUPERIOR.

Jakeline Adriana F. Alves¹
Gisele Silva Lira de Resende²

RESUMO: Artigo que tem como tônica reflexões sobre a avaliação no processo de ensino-aprendizagem do Ensino Superior. Destaca a importância da elaboração e aplicação dos métodos avaliativos adequados às exigências contemporâneas, para que os resultados obtidos sirvam para ampliar a capacidade intelectual do aluno. É fruto de uma pesquisa bibliográfica realizada a partir de autores críticos que defendem a avaliação como ferramenta capaz de diagnosticar fragilidades do processo educativo, bem como redirecioná-lo, com vistas a uma transformação positiva. Acredita-se que a avaliação dialógica, alicerçada na abordagem sociointeracionista, possibilita ao professor e ao aluno obterem dados que viabilizem a troca de informações, conhecimentos e, por consequência, o amadurecimento intelectual.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação. Ensino Superior. Aprendizagem.

EL PAPEL DE LA EVALUACIÓN EN EL PROCESO DE ENSEÑANZA- APRENDIZAJE, EN LA PERSPECTIVA DEL PROFESOR DE EDUCACIÓN SUPERIOR

RESUMEN: Artículo que tiene como énfasis reflexiones sobre la evaluación en el proceso de enseñanza-aprendizaje, en la Educación Superior. Destaca la importancia de la elaboración y aplicación de métodos evaluativos adecuados a la exigencia contemporánea, para que los resultados obtenidos sirvan para ampliar la capacidad intelectual del alumno.

Se realiza una búsqueda bibliográfica a partir de autores críticos que argumentan la evaluación como una herramienta capaz de diagnosticar las debilidades del proceso educativo, así como reorientarlo, con vistas a una transformación positiva. Se cree que la evaluación dialógica, fundada en la abordaje interaccionista social, permite al profesor y al alumno obtener datos que permitan el intercambio de información, conocimientos y, por lo tanto, la maduración intelectual.

PALABRAS-CLAVE: Evaluación. Enseñanza. Aprendizaje.

¹ Pós-Graduada em Docência no Ensino Superior, pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas do Araguaia - FACISA. Bacharel em Fisioterapia pela Faculdade Anhanguera de Anápolis; Formação em Perícia Judicial para Fisioterapeutas pela Mundo Fisio. Formação em Pilates – na conduta cinesioterapêutica. Email: jakeline_af@hotmail.com

² Doutora em Ciências Pedagógicas pela UCLV/UFBA. Professora Pesquisadora do Curso de Direito e de Pedagogia da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas do Araguaia – FACISA. Email: giselelira@hotmail.com.



1 INTRODUÇÃO

O tema avaliação, indiscutivelmente, tem ganhado espaço no meio educacional. E nem poderia ser diferente, uma vez que a dinâmica social do século XXI exige uma educação que esteja além da ideia de transmissão de conceitos.

A figura do professor como transmissor de conhecimento e do aluno como simples receptor não possui mais cadeira cativa na sociedade contemporânea. Ao contrário, busca-se, nas ações pedagógicas, a reciprocidade, com vistas à reorganização da aprendizagem e à troca de informações que permitem o avanço do aluno na construção do conhecimento.

Com esse pensamento, discute-se: qual é o papel da avaliação no processo de ensino aprendizagem, sob a ótica do professor que atua no Ensino Superior?

Ganha relevância, nesse contexto, a avaliação dialógica, mediadora, que supõe um movimento dinâmico entre educador e educando e exclui o ciclo perverso da avaliação tradicional que, apenas, transmite, verifica, classifica, registra e exclui. O papel da avaliação deve ser o de observar a qualidade do aprendizado em sala de aula, investigando as dificuldades do aluno e ajudando-o na construção do conhecimento.

Nessa linha de pensamento, este artigo tem como tônica refletir sobre a importância da avaliação, como instrumento do processo de ensino-aprendizagem, sob o prisma do professor universitário.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, orientada pela abordagem socio-histórica, observando os sujeitos envolvidos em um contexto histórico e social.

De acordo com Freitas (2002, p. 21), “[...] a pesquisa qualitativa orientada pela perspectiva sócio-histórica: enfatiza [...] a compreensão dos fenômenos a partir de seu acontecer histórico, no qual o particular é considerado uma instância da totalidade social [...]” e pode interferir na apropriação do conhecimento.

Como procedimento técnico, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, tendo como aporte teórico pensadores críticos, a exemplo de Luckesi (1999 e 2012), Hoffmann (2011 e 2012) e Frias e Takahashi (2012), que se constituíram em pilares para a elaboração deste estudo e ofereceram respaldo aos questionamentos suscitados.

Para a estruturação deste artigo discutiu-se a questão da avaliação no contexto educacional, sob o ponto de vista tradicional e sociointeracionista, analisaram-se as



contradições existentes entre os termos avaliação e exame para, ao final, tecer algumas considerações sobre a avaliação da aprendizagem no Ensino Superior.

Não se tem a pretensão neste estudo de esgotar o assunto. Porém, acredita-se que as reflexões aqui realizadas possam contribuir para discussões futuras.

2 A AVALIAÇÃO NO CONTEXTO EDUCACIONAL

O processo de aprendizagem passa, hoje, por uma transformação significativa, com avanços e mudanças na educação, com vistas ao crescimento e maturação do educando.

Nesse contexto, avaliar torna-se crucial para compreender as capacidades individuais de cada aluno e o quanto ele vem obtendo de uma aprendizagem significativa, em cada área do saber, independente do nível de ensino em que esteja.

Observa-se que nem sempre o aluno chega ao Ensino Superior com os aportes teóricos necessários à sua formação. Nesse momento, o professor, por meio de avaliação diagnóstica, pode detectar tais fragilidades e tomar decisões que tenham em vista contribuir para que o aluno suplante suas dificuldades e avance no campo intelectual, ao mesmo tempo em que essa avaliação lhe possibilita alcançar os objetivos propostos. A partir dessa compreensão, o ato de avaliar se torna parâmetro não só para verificar o aprendizado do aluno, mas, também, a prática pedagógica do professor.

O papel da avaliação é singular no processo de ensino-aprendizagem por fornecer um *feedback* ao professor, pois permite “[...], compreender a finalidade dessa prática a serviço da aprendizagem, da melhoria da ação pedagógica, visando à promoção moral e intelectual dos alunos”. (HOFFMANN, 2011, p.18)

Assim, a prática avaliativa deve funcionar como um termômetro, tanto para o professor quanto para o aluno, pois há sempre a oportunidade de traçar metas para um possível “recomeço”. Essa nova oportunidade ao aluno é bastante produtiva, pois não é a punição ou a exclusão que determina o melhor, ou quanto de conteúdo foi assimilado. Dessa feita, o processo avaliativo se torna, de fato, parte da construção do conhecimento do educando, que “[...] não segue um caminho linear, mas prossegue entre descobertas, dúvidas, retomadas, obstáculos e avanços” (HOFFMANN, 2011, p. 24). Sob tal ótica, observa-se que não só a avaliação diagnóstica é importante, mas, também, a avaliação contínua, pois, por



meio de seus resultados, é possível se obterem dados relevantes ao processo de ensino-aprendizagem, bem como reforçar positivamente a relação professor-aluno.

Logo, enquanto o educador possui o papel de condutor do processo pedagógico, o educando tem segurança para prosseguir. Isso é possível, a partir do momento em que se abre um tempo de conversa e participação, uma vez que a comunicação salienta perguntas e possíveis respostas que poderão servir tanto para o aluno que se manifestou, quanto para os demais.

2.1 AVALIAÇÃO E EXAME: ALGUMAS CONTRADIÇÕES

Por muito tempo a avaliação foi realizada por meio de exames e acontecia em momentos isolados de aferição, ao se aplicarem provas. O objetivo era o de classificar e selecionar os melhores alunos, postura decorrente de um autoritarismo por parte do professor que detinha o poder em suas mãos. A pedagogia impressa nesse momento era a tradicional³, na qual o professor era o detentor do conhecimento e o aluno somente o receptor, sem direito de pensar ou desenvolver críticas; essa era a função do tão temido exame. A esse respeito, Luckesi afirma que:

O ato de examinar tem como função a classificação do educando, minimamente, em ‘aprovado ou reprovado’; no máximo em uma escala mais ampla de graus, tais como as notas, que variam de 0 (zero) a 10 (dez) ou como é uma escala de conceitos, que pode conter cinco ou mais graus. Ao ato de examinar não importa que todos os estudantes aprendam com qualidade, mas somente a demonstração e classificação dos que aprenderam e dos que não aprenderam. E isso basta. Deste modo, o ato de examinar está voltado para o passado, na medida em que deseja saber do educando somente o que ele já aprendeu; o que ele não aprendeu não traz nenhum interesse. (LUCKESI, 2012)

Nesse sentido, o ato de examinar promove a exclusão do estudante, constituindo-se em uma ação classificatória. Se o objetivo é ensinar, não se pode lidar com o conhecimento como uma porção estática, mas, sim, como algo em construção. O conhecimento não está fragmentado em disciplinas estanques; ao contrário, o conhecimento está em constante

³ Sugestão de leitura - Na obra de Paulo Freire “Pedagogia do Oprimido”, o autor apresenta reflexões sobre a educação bancária que retrata a pedagogia tradicional, sendo o professor depositário do conhecimento do aluno.



movimento que requer dos educadores uma visão holística. Portanto, não pode ser aferido por meio de exames que almejem, apenas, quantificar o saber do aluno.

A avaliação, alicerçada na pedagogia tradicional, é vista como “[...] um instrumento disciplinador não só das condutas cognitivas como, também, das sociais, no contexto da escola” (LUCKESI, 1999, p.32). Da mesma forma, a divisão é notória no ambiente escolar. Os melhores resultados são aceitos, premiados, e os piores, recusados, utilizando-se como único critério para essa aprovação, a nota. Pode-se perceber, ainda, a não aceitação das vivências e habilidades dos alunos, mesmo que isso possa contribuir com o crescimento intelectual. Tais vivências são descartadas por não fazerem parte do currículo seguido pelo professor. Essa prática se contrapõe à abordagem sociointeracionista que concebe a aprendizagem como um fenômeno que se realiza a partir do diálogo, do respeito à história que o outro traz consigo e da interação entre as partes envolvidas. O erro, nessa abordagem, se constitui em instrumento que permite ao professor analisar as dificuldades do aluno.

Como bem coloca Frias *et al* (2012, p.161), “[...] ao observar as atividades dos alunos, o professor busca compreender qual o potencial de cada um e como pode atuar para favorecer o processo, procurando sinais do que o aluno sabe e do que pode vir, a saber”. O professor não pode esquecer que esse aluno já possui conhecimentos prévios, do contrário, o ensino não poderia ser considerado um processo de construção.

Dessa forma, os exames aplicados pela pedagogia tradicional, com o objetivo de aprovar e/ou reprovar, em nada corrobora para o ensino que possui a finalidade de auxiliar o aluno a obter pensamento autônomo e visão crítica da realidade, bem como seu amadurecimento intelectual. Nessa prática são anunciadas as provas, cuja formulação exige respostas prontas e acabadas. Obviamente, o conceito decorado, na maioria das vezes, não foi apreendido, então, o conhecimento não foi consolidado, pois ocorreu, apenas, memorização.

Infelizmente, ainda é possível encontrar tais modelos de provas no contexto educacional, no qual “[...] o que predomina é a nota: não importa como elas foram obtidas nem por quais caminhos [...]” (LUCKESI, 1999, p. 18). Constata-se que nessas instituições não há a clareza de que o ato de avaliar é um processo inclusivo e dialógico. Observa-se uma resistência por parte dos educadores, em virtude de uma formação impregnada desse modelo avaliativo, de matriz positivista, além da questão do poder que a prova lhe fornece, já que é vista como instrumento punitivo.



Hodiernamente, em diferentes segmentos sociais, o ato de avaliar possui uma amplitude muito maior. Busca-se nas pessoas, além do conhecimento científico, a criatividade, o raciocínio lógico, o pensamento autônomo e crítico, a capacidade de resolver problemas, como pode ser evidenciado nos concursos públicos, nos vestibulares, no recrutamento em empresas, etc. Sendo assim, as instituições de ensino devem, em suas ações pedagógicas, proporcionar meios para que essas habilidades e competências sejam desenvolvidas.

Vigotsky (1998) discutiu em seus estudos, um conceito denominado zona de desenvolvimento proximal, que é muito mencionado nas reflexões acerca do processo de aprender, na educação contemporânea. Esse conceito compreende a distância entre o que o aluno sabe fazer de modo independente, por meio de conhecimentos já consolidados (zona de desenvolvimento real) e as potencialidades que ele pode desenvolver, com o auxílio de outra pessoa mais experiente (nível de desenvolvimento potencial). Entre esses dois polos está a zona de desenvolvimento proximal, que é o campo, no qual o professor deve atuar, auxiliando-o, por meio de diversos recursos, a construir novos conceitos. Nesse interregno temporal, faz-se necessário que o aluno seja exposto a situações hipotéticas que promovam a desestabilização de seus conhecimentos anteriores e, com o auxílio do professor, possa apreender novos saberes. Todo esse processo fomenta o desenvolvimento intelectual do aluno.

Nessa perspectiva, o Governo Federal Brasileiro criou formas de verificar como as instituições de Ensino Superior vêm desenvolvendo suas atividades, uma vez que seus egressos precisam ter um perfil que atenda as demandas no mercado de trabalho. Para tanto, o INEP⁴ criou:

O Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE), que integra o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), tem o objetivo de aferir o rendimento dos alunos dos cursos de graduação em relação aos conteúdos programáticos, suas habilidades e competências. (INEP, 2012a)

Ao aplicar essas provas aos acadêmicos, o INEP propende à organização do ensino, além de coordenar o desenvolvimento de sistemas e projetos de avaliação educacional e manter dados estatísticos, ao produzir informações claras e confiáveis dos sistemas. Após a apuração dessas informações, as instituições são classificadas por meio de notas, e podem

⁴ INEP: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.



obter o reconhecimento ou renovação do reconhecimento dos cursos avaliados, ou, ainda, o descredenciamento na continuidade desses cursos pelo Ministério da Educação (MEC).

Essas provas são aplicadas no início e no término de uma mesma turma, contêm conteúdo de conhecimentos gerais para os ingressantes e conhecimentos específicos para os concluintes. Buscam averiguar como os alunos chegam do Ensino Médio ao Ensino Superior e como saem, depois de suas respectivas formações.

Salienta-se que esse processo de avaliação também ocorre no Ensino Médio, por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e possibilita ao estudante o ingresso na faculdade, por meio do PROUNI⁵, conforme a nota atingida.

O Exame Nacional do Ensino Médio

[...] foi criado em 1998 com o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da educação básica, buscando contribuir para a melhoria da qualidade desse nível de escolaridade. A partir de 2009 passou a ser utilizado também como mecanismo de seleção para o ingresso no ensino superior. Foram implementadas mudanças no Exame que contribuem para a democratização das oportunidades de acesso às vagas oferecidas por Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), para a mobilidade acadêmica e para induzir a reestruturação dos currículos do ensino médio. Respeitando a autonomia das universidades, a utilização dos resultados do Enem para acesso ao ensino superior pode ocorrer como fase única de seleção ou combinado com seus processos seletivos próprios. Programa Universidade para Todos – ProUni. (INEP, 2012b)

Por todas as questões supracitadas, é de importância singular preparar os alunos para obterem êxito nessas provas, por meio de situações que possam conduzi-los a uma aprendizagem significativa e, por consequência, ao sucesso profissional e acadêmico.

3 AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR

A sociedade contemporânea compreende o processo de avaliação, de modo geral, a partir de uma ótica diversa da concepção tradicional. Em tempos atuais o termo avaliar adquiriu maior dimensão e não aceita o discurso inócuo de profissionais que se utilizam de um vazio conceitual para justificar suas ações. A avaliação ganhou nova função por parte dos professores; o que antes era retrato de punição, exclusão e atribuição de notas, hoje é utilizado

⁵ PROUNI - Programa universidade para todos - Tem por finalidade conceder bolsas de estudos integrais ou parciais em cursos de graduação de instituições privadas para alunos tanto de rede particular como pública.



como parte do crescimento, pois “[...] é preciso estar interessado em que o educando aprenda e se desenvolva, individualmente e coletivamente [...]”. (LUCKESI, 1999, p.121).

Essa concepção de avaliação, seja ela diagnóstica, formativa ou somativa, busca realizar um acompanhamento, em todos os momentos do processo de aprendizado do aluno, a fim de auxiliá-lo em suas possíveis dificuldades, bem como acompanhar seus avanços. Encontra-se, pois, no diálogo, o caminho para uma boa relação professor-aluno e, posteriormente, uma boa relação aluno-conhecimento, pois essa constante troca de informações é pertinente para a formação de novas ideias.

Entretanto, como aponta Kratochwill,

Avaliar dialogicamente não descarta a necessidade inicial do oferecimento da informação, porém a informação meramente transmitida ou adquirida não deixa de ser um dado acumulado que precisa ser processado, (re) significado e transformado em conhecimento enriquecido e aplicável. (KRATOCHWILL, 2012).

Shor e Freire ressaltam, ainda, que:

Antes de mais nada, penso que deveríamos entender o diálogo não como uma técnica apenas que podemos usar para conseguir bons resultados. Também não podemos, não devemos entender o diálogo como uma tática que usamos para fazer dos alunos nossos amigos. Isso faria do diálogo uma técnica para a manipulação, em vez de iluminação. Ao contrário, o diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte de nosso progresso histórico, do caminho para nos tomarmos seres humanos. (...) o diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e re- fazem. (SHOR, FREIRE, 1986, 122-123 *apud* HOFFMANN, 2012, p. 56)

A partir dessa linha de raciocínio, entende-se que a avaliação se fundamenta numa ação de construção, que privilegia o diálogo e a reflexão, a evolução coerente do ensino e a transformação decorrente do aprendizado. Aliás, a busca constante dessa interatividade pode transformar uma prévia informação em um conhecimento enriquecido e aplicável.

Dessa feita, recomenda-se que as questões não se apresentem com enunciados desconexos, pois a contextualização das avaliações é algo crucial. Ao contrário, as questões devem fornecer informações claras, permitir a problematização, referenciando o conteúdo



tratado. O aluno precisa estar apto a interpretar os textos explicativos que precedem a questão e, a partir da compreensão dos conceitos vistos e problematizados, em sala de aula, aplicá-los à situação hipotética apresentada. Portanto, não se pode explicar algo em sala de aula e cobrar assuntos diferentes no momento avaliativo.

Destaca-se, aqui, a prova do Enade, que apresenta questões contextualizadas com a prática profissional e conteúdo pré-estabelecido. A exemplo, segue abaixo uma questão retirada do caderno Enade 2010⁶ (INEP) 2012c) da prova do curso de Fisioterapia, na qual se verifica a aplicação do conteúdo científico, bem como o emprego de seus termos para uma situação de vida real.

Uma empresa, após tomar conhecimento de queixas de lombalgia e dorsalgia da maior parte dos funcionários de um setor, contratou um serviço de fisioterapia. O fisioterapeuta responsável traçou um plano de ação que envolveu duas etapas para cada funcionário do referido setor: 1ª) anamnese e exame físico; 2ª) avaliação da postura e da flexibilidade. Na segunda etapa, o fisioterapeuta optou por utilizar equipamentos que disponibilizassem dados quantitativos objetivos acerca dos movimentos analisados. Com isso, o fisioterapeuta apresentou à empresa as evidências visuais e quantitativas das alterações cinético-funcionais presentes em cada funcionário do setor, e traçou o perfil de cada um deles. Tais evidências seriam o princípio norteador do trabalho fisioterapêutico a ser desenvolvido por ele junto aos funcionários e também caberia a ele acompanhar a evolução das disfunções detectadas na avaliação inicial e revisar, periodicamente, o plano de intervenção adotado.

Com base na situação hipotética apresentada, os recursos de avaliação e diagnóstico utilizados na segunda etapa do plano de trabalho seriam:

- I. Avaliação postural por medidas em imagens fotográficas ou fotogrametria.
- II. Avaliação postural por plataforma de força.
- III. Teste do Banco de Wells.
- IV. Flexisteste.

É correto apenas o que se afirma em

- A- I e II.
- B- I e III.**
- C- I e IV.
- D- II e III.
- E- III e IV.

Observa-se que a questão acima se apresenta de modo claro, contextualizado e solicita conteúdo específico, o que vai ao encontro do que se espera de uma avaliação.

⁶ ENADE 2010. Prova de Fisioterapia, questão 35. p. 17.



Ademais, a questão exige que, durante sua formação, o estudante de fisioterapia deve ser preparado com o aporte teórico e prático para a obtenção de suas capacidades profissionais. Percebe-se que nessa questão é exigido conhecimento de disciplinas específicas que vão, desde a base de anatomia, cinesiologia (análise do movimento humano), dentre outras importantes, até a base de tratamento.

Essas situações hipotéticas permitem que o acadêmico exiba o conhecimento teórico-prático, raciocine antes de tomar a decisão, o que será fundamental em seu exercício profissional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação de aprendizagem na sociedade contemporânea se apresenta muito mais sob uma abordagem qualitativa do que quantitativa. Considera as vivências trazidas pelo aluno como parte do processo ensino-aprendizagem e da construção do conhecimento. Sendo assim, o ato de avaliar exige uma visão holística, por parte do professor, com finalidade de romper a fragmentação dos saberes, herança do modelo positivista.

Nesse sentido, é condição *sine qua non* que o professor crie condições para uma aprendizagem significativa, a fim de que o aluno desenvolva as competências e habilidades exigidas pela sociedade atual, como: criatividade, raciocínio lógico, pensamento autônomo e crítico, além dos conhecimentos científicos.

Para tanto, a avaliação não pode ser vista como instrumento de punição e de reprodução de conceitos prontos e acabados. Ao contrário, deve permitir o diálogo entre a tríade aluno, professor e conhecimento. Desse modo, as questões que a compõem precisam ser claras, contextualizadas, exibir problematização que exija raciocínio, além da aplicação dos conteúdos específicos. Isso possibilita a formação de um profissional que teve a oportunidade de vivenciar situações reais durante a academia, uma formação mais humana e mais democrática.

Esse é o grande desafio das instituições de Ensino Superior que, hoje, necessitam atender as exigências dos órgãos governamentais para se manterem no mercado. Assim, o compromisso docente é de importância ímpar. Inicia-se pela preparação de sua aula, percorre o caminho da apresentação dos conteúdos, de modo contextualizado e crítico, até o momento da avaliação. Essa avaliação deve ser instrumento de ação-reflexão-ação, não só da prática



pedagógica, mas, também, dos avanços e fragilidades no desenvolvimento educativo do aluno. Constitui-se, dessa forma, em um termômetro do processo de ensino-aprendizagem.

Em razão disso, não cabe pensar no professor, como um profissional que apenas transmite o conteúdo ao aluno, sem permitir que este expresse suas ideias ou anseios. Ao contrário, essa troca de informações permite ao professor obter dados que podem auxiliar na superação das dificuldades do aluno.

É preciso que o professor não represente a figura do ditador, que possui verdades prontas e acabadas, sob pena de contribuir para a formação de homens improdutivos e incompetentes. Ao professor cabe promover situações que conduzam ao conhecimento que liberta, por meio de uma relação biunívoca e dialógica, vinculado à prática avaliativa, com o propósito de romper o paradigma do saber fragmentado, há muito cristalizado no meio educacional.

Por derradeiro, acredita-se que ser um professor comprometido com sua prática docente requer, além de inúmeras competência e habilidades, conceber a avaliação como atividade política e pedagógica, que se presta à reorientação permanente do processo de ensino- aprendizagem, com vistas à promoção de uma educação mais justa e transformadora.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREITAS, M^a Teresa de A. **A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa.** Cadernos de Pesquisa. n. 116, 2002, p. 20-39.

FRIAS, Marcos Antônio da Eira e TAKAHASHI, Regina Toshie. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem:** seu significado para o aluno de ensino médio de enfermagem. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v36n2/v36n2a07.pdf>>. Acesso em out. 2012.

HOFFMANN, Jussara M. L. **Avaliação Mediadora: Uma relação dialógica na construção do conhecimento.** Disponível em: < http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_22_p051-059_c.pdf> Acesso em 06. Set. 2012.

_____. **Avaliar para promover: As setas do caminho.** 14^o ed. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

INEP. **O que é Enade.** Disponível em <<http://portal.inep.gov.br/enade>>. Acesso em out., 2012a.



_____. **Sobre o Enem.** Disponível em <<http://portal.inep.gov.br/web/enem/sobre-o-enem>>. Acesso em set. 2012b.

_____. **ENADE.** Prova de Fisioterapia, questão 35. p. 17, 2010. Disponível em:<http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/provas/2010/fisioterapia_2010.pdf>. Acesso em, out. 2012c.

KRATOCHWILL, Susan. **Educação On-line:** perspectivas para a avaliação da aprendizagem na interface fórum. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT16-3066--Int.pdf>. Acesso em set. 2012.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem...Mais uma vez.** Disponível em >http://www.luckesi.com.br/textos/abc_educatio/abceducatio_46_avaliacao_da_aprendizagem_mais_uma_vez.pdf. > Acesso: 11 set. 2012.

_____. **Avaliação da Aprendizagem Escolar.** SP. 9º edição. Ed. Cortez, 1999.

VYGOTSKY, Lev. Semiovich. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.